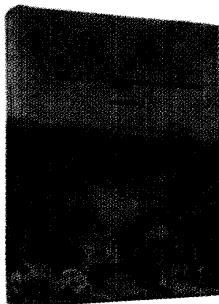


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 21680
Título: 250 anos da Real Companhia Velha em livro					Temática: Gestão/Economia/Negócios	
2006/11/17	VIDA ECONOMICA – PRINCIPAL	Pág.12	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 458.00

250 anos da Real Companhia Velha em livro

De companhia majestática a mera sociedade comercial, com funções na cobrança de impostos e empréstimos ao Estado até à realização de obras públicas, a Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, designação que ainda mantém apesar do nome actual Real Companhia Velha, celebra os seus 250 anos, e foi alvo da realização de um profundo estudo pelo CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, que agora deu à estampa em livro, apresentado pelo seu coordenador Fernando Sousa.

A história da Companhia confunde-se com a da região demarcada do Douro, embora Fernando Sousa realce que o livro pretende apenas retratar o percurso da empresa e não da região, sobre a qual “a história ainda está por ser feita”. Com as sucessivas alterações de objecto social foram também mudando as suas actividades externas. A Companhia “desempenhou funções de serviço à causa pública”, conduzindo “iniciativas próprias com a criação de asilos, abertura das portas da Rússia e países Bálticos aos vinhos do Douro”, passando pela execução de “obras públicas, como a regu-



larização do curso do rio Douro através da intervenção no cachão da Valeira”, até ao “ensino técnico nas áreas da Náutica, Marinha e Comércio e Desenho”, explicou o académico.

Também ao nível da produção vitivinícola a Companhia foi inovadora, tendo sido a primeira “a mecanizar os trabalhos agrícolas, a constituir linhas de engarrafamento automáticas ou a utilizar camiões cisterna para o transporte dos seus vinhos”. Fernando Sousa salientou ainda que o trabalho desenvolvido “deu origem a várias investigações sectoriais, sendo que dois colaboradores continuam a aprofundar o tema para as suas teses de doutoramento”.

Por seu turno, a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, afirmou que o livro, ao dar conta da “epopeia de grande dimensão” que foi a vida da Companhia, presta “um tributo às gentes do Douro e à construção do Património da Humanidade, mas também do Porto, Gaia e Norte de Portugal”. Por essa razão o ministério que dirige “tem apoiado esta longa investigação e está interessado na continuidade das investigações sectoriais aqui enunciadas e que resultaram desta publicação”.